

território selvagem  
série o mundo dos outros / volume 2  
anne bishop

Tradução de Luís Santos



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

Para Janet Chase e Jana Paniccia



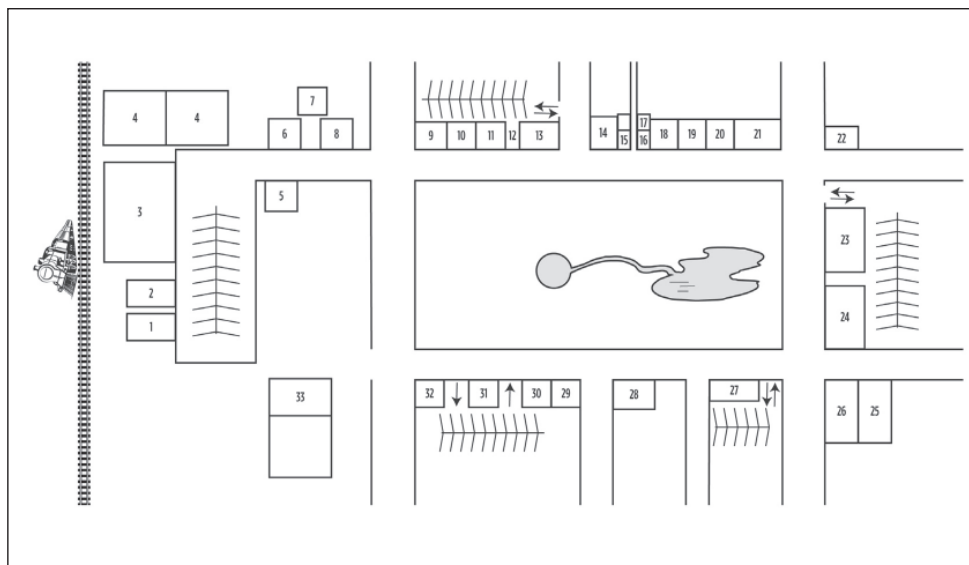
## Agradecimentos

Obrigada a Blair Boone por continuar a ser o meu primeiro leitor, bem como por toda a informação sobre animais, armas e muitos outros temas, a qual transformo, de modo a ser integrada no mundo dos Outros; a Debra Dixon por ser a segunda leitora; a Doranna Durgin pela manutenção da página Web e por toda a informação que me facultou sobre cães e cavalos; a Patricia Briggs por contribuir para os meus conhecimentos sobre cavalos; a Janet Chase por me mostrar Reno e os arredores, dando-me inspiração para a minha povoação de fronteira; a Adrienne Roehrich por gerir a página de fãs oficial no Facebook; a Nadine Fallacaro pelas informações sobre questões clínicas; a Ann Hergott pela ajuda com o mapa; a Jennifer Crow por servir de tubo de ensaio durante os nossos jantares de leitura; a Anne Sowards e a Jennifer Jackson pelo *feedback* que me ajuda a escrever histórias melhores; e Pat Feidner pelo contínuo apoio e encorajamento.

Um obrigada especial a quem cedeu o nome a personagens, sabendo que seria essa a única ligação entre a realidade e a ficção: Kelley Burch, Douglas Burke, Candice Cavanaugh, Janet Chase, Jennifer Crow, Roger Czerneda, Merri Lee Debany, Michael Debany, Nadine Fallacaro, James Alan Gardner, Mantovani «Monty» Gay, Lois Gresh, Jana Paniccia, Craig Werner, Dawn Werner e John Wulf.



# Praça Central de Bennett



Nota: Este mapa foi criado por uma autora com défice geográfico.

© 2019 Anne Bishop

- |                                |                                 |
|--------------------------------|---------------------------------|
| 1 Estação rodoviária           | 18 Livraria Toc'A Levar         |
| 2 Aluguer de carros            | 19 Joias                        |
| 3 Estação ferroviária          | 20 Piza & sanduíches            |
| 4 Currais                      | 21 Escritórios                  |
| 5 Ferreiro                     | 22 Oficina/bomba de combustível |
| 6 Rações                       | 23 Templo Universal             |
| 7 Estábulo                     | 24 Centro comunitário           |
| 8 Produtos equestres           | 25 Cineteatro                   |
| 9 Correios (telégrafo)         | 26 Sala de música               |
| 10 Banco                       | 27 Clínica                      |
| 11 Gabinete do presidente/gov. | 28 Armazém                      |
| 12 Parque de bicicletas        | 29 Restaurante                  |
| 13 Hotel                       | 30 Barbeiro/cabeleireira        |
| 14 Saloon A Gaiola             | 31 Xerife                       |
| 15 Roupas Usadas Gott          | 32 Imobiliária                  |
| 16 Música                      | 33 Estrebaria/curral            |
| 17 Banda desenhada             |                                 |



## *Nota da autora sobre a cronologia da história*

Se leu *Cartas de Profecia*, alguns dos acontecimentos de *Território Selvagem* ser-lhe-ão familiares. Isso deve-se ao facto de as cronologias de ambas as histórias estarem interligadas, decorrendo pouco depois da guerra entre seres humanos e *terra indigene*.





**D**ali a um ano seria conhecido como a Grande Predação — os dias terríveis quando os Elementais e os Anciães, os *terra indigene* que são as presas e as garras de Namid, saíram do território selvagem e desbastaram brutalmente as manadas humanas de Thaísia. Em certos casos eliminaram populações inteiras de povoações humanas no Noroeste e no Midwest, à laia de retaliação pelo massacre dos Lobos e das outras formas de metamorfos que vigiavam os locais humanos.

Agora, com a morte ainda bem presente, tanto os *terra indigene* como os humanos querem reclamar os lugares vazios, sobretudo os que detêm importância estratégica.

Bennett é um desses lugares — e os Anciães estão por perto, à espera que os humanos cometam outro erro.

À espera que cometam o último erro.



## Capítulo 1

*Dia do Vento, 25 de Verano*

Jana Paniccia seguiu os carreiros de saibro que cruzavam o parque memorial. Não havia cemitérios no continente de Thaísia, não havia lápides individuais, não havia mausoléus de família, a menos que se fosse rico. As cidades não podiam dar-se ao luxo de desperdiçar terra com os mortos, pois os vivos precisavam de cada hectare que conseguissem arrendar aos *terra indigene* que regiam o continente.

Que regiam o mundo. Essa realidade fora gravada bem fundo nos seres humanos de todo o mundo, e só os loucos ou os otimistas cegos julgavam que haveria possibilidade de recuperar a vida tal como ela era antes de o movimento dos Seres Humanos em Primeiro Lugar ter encetado a guerra contra os *terra indigene* ali em Thaísia e em Cel-Romano, no outro lado do oceano Atlântiko.

Ao invés de ganharem fosse o que fosse com a guerra, os seres humanos haviam perdido terreno — literalmente. As cidades haviam sido destruídas, ou então já não estavam sob controlo humano. As pessoas fugiam para onde julgavam poder encontrar segurança, pensando que as cidades maiores estariam menos vulneráveis ao que os Outros poderiam fazer.

Também nisso os seres humanos estavam errados. A destruição de uma parte tão vasta de Toland, uma cidade controlada pelos seres humanos situada na Costa Leste, deveria ter servido de prova.

Mas não ia pensar nisso naquele dia.

Jana encontrou o grande canteiro com o alto marcador de granito ao centro.

Não havia cemitérios, nem lápides, em Thaísia, mas havia parques memoriais cheios de canteiros e de pequenos lagos, com bancos dispostos de maneira a que os vivos pudessem visitar os mortos. Olhou para a coluna dupla de nomes gravados no granito e procurou até encontrar os dois que

procurava. Martha Chase. Wilbur Chase. Os pais adotivos que a haviam retirado da casa dos enjeitados e criado como sua filha. Nem sequer um certificado de nascimento tinha com ela quando os sacerdotes do Templo Universal a haviam encontrado à porta do templo. Apenas um papel com o seu nome e data de nascimento impressos.

Os corpos eram cremados e as cinzas eram misturadas naqueles canteiros, com os nomes gravados no granito a serem o único reconhecimento de quem ali se encontrava. Martha adorara plantar flores e Pops sempre mantivera uma pequena horta no quintal. Por mais que se esforçasse, Jana era a única sem perícia para a terra. Sabia distinguir uma rosa de uma margarida, compreendia a diferença entre perene e caduca, e, regra geral, mon-dava ervas daninhas, e não flores, quando tentava ajudar Martha a tratar dos canteiros.

*Tens outros talentos*, costumava rir-se Pops.

Outros talentos. Que os deuses a ajudassem, ela assim esperava.

Eles haviam morrido num acidente de viação uma semana depois de ela ter entrado para a academia de polícia — uma das únicas três mulheres aceites. Passara os meses iniciais a debater-se com o trabalho das aulas e com a hostilidade dos colegas enquanto se deslocava entre Hubb NE e uma aldeia perto das montanhas Adirondak, onde se encontrava com o advogado dos Chase e tratava do património dos pais adotivos. Não havia muito. Martha e Pops nunca se haviam interessado por coisas materiais, mas a venda da casa e do seu recheio permitira-lhe pagar o empréstimo que contraíra para frequentar uma universidade comunitária enquanto tentava entrar para a academia de polícia. Chegara para pagar a academia e as despesas. Fora frugal, mas se não encontrasse trabalho depressa...

— Olá, Martha — disse Jana baixinho depois de confirmar que estava sozinha. — Olá, Pops. — Sentou-se no banco, as mãos cruzadas sobre o regaço. — Concluí a academia. A única mulher que chegou ao fim. Sempre disseste que eu era teimosa, Martha, e, pelos vistos, tinhas razão. Para a semana vou reunir-me com o administrador da academia. Com sorte, pode ser que se trate de uma proposta de trabalho. Sabem os deuses que não há comunidade humana que não precise de polícia, e os restantes elementos da minha turma já foram contratados pelas povoações da Região Nordeste que perderam agentes no mês passado por causa da guerra. Mas eu sei que há posições ainda por ocupar, pois ninguém quer aceitar um cargo numa aldeia perdida no meio do território selvagem. Dizem que isso é suicídio lento. Podem ter razão, mas estou disposta a correr o risco.

Olhou para as flores que cresciam no canteiro e desejou conseguir lembrar-se dos nomes de parte delas.

— Vim despedir-me. É cada vez mais difícil comprar um bilhete de autocarro, e não sei se vou ser capaz de voltar aqui. E se for contratada — *quando* for contratada —, posso ter de partir à pressa. — Fez uma pausa. — Obrigada por tudo. Quando chegar ao sítio para onde vou, acendo uma vela em vossa honra.

Jana apressou-se a cruzar o parque, decidindo que teria tempo à justa para chegar à paragem junto ao portão de entrada e apanhar o autocarro de regresso a Hubb NE. Esperava que dali a uma semana estivesse a caminho de outra povoação para fazer o único trabalho com que sempre sonhara.

## Capítulo 2

*Dia do Vento, 25 de Verano*

— **D**espeço-me. Tolya Sanguinati encarou Jesse Walker sobre o balcão do armazém de Bennett. A expressão nos olhos dela fê-lo pensar nos relâmpagos que por vezes iluminavam o céu naquela parte de Thaísia. Apesar de ser um predador perigoso — mais do que os seres humanos dali imaginavam —, aquele olhar deixava-o apreensivo.

— Não te podes despedir.

— Ai posso, pois.

Tolya deu um passo atrás e pensou um pouco. Seria tentador frisar que, uma vez que ela não trabalhava para ele, Jesse não se podia efetivamente despedir. Mas Jesse Walker era a líder oficiosa de Prairie Gold, uma pequena vila Intuit localizada no extremo sul das Colinas dos Anciães. Como tal, tratava-se da sua mais importante aliada humana. Não se podia dar ao luxo de perder os seus conhecimentos ou a sua colaboração, pelo que talvez não fosse boa ideia frisar nada.

Depois de os humanos terem sido chacinados pelas presas e garras de Namid, Erebus Sanguinati, líder de todos os Sanguinati no continente de Thaísia, incumbira-o de assumir o controlo de Bennett. A vila contava com uma estação ferroviária que servia todos os ranchos da zona, bem como Prairie Gold. Isso transformava o local num sítio importante que os Anciães não voltariam a deixar sob o controlo humano, pois, com eles, os comboios que percorriam o território haviam levado inimigos para aquela zona de Thaísia. Havia levado morte aos Lobos e aos outros metamorfos.

Naquele momento, todos os locais habitados por humanos estavam em alvoroço, pois ninguém sabia quantas povoações haviam sobrevivido. Com as comunicações instantâneas entre as regiões cortadas pelos Anciães, que haviam destruído os postes telefónicos e derrubado as torres de telefones móveis ao longo das fronteiras regionais, o *e-mail* e os telefones só tinham

utilidade dentro de cada região. E mesmo dentro de cada região, ninguém sabia se um telefone não era atendido por não haver ninguém junto dele naquele momento ou porque não restara ninguém que o atendesse.

Claro que o resto da Região do Midwest não lhe dizia respeito. Naquele momento, o seu problema era a mulher magra de meia-idade e cabelo grisalho que o vinha a ajudar a definir o que fazer para manter a estação ferroviária aberta e para lidar com questões prementes, como alimentos a apodrecer e os animais domésticos deixados nas residências.

Até chegar a Prairie Gold, onde seria os olhos e os ouvidos do Avô Erebus, Tolya passara a vida em Toland, uma das maiores cidades do continente. Recebera a mais abrangente educação centrada em questões humanas disponibilizada aos *terra indigene* e fora um dos Sanguinati que monitorizara as notícias televisivas e os jornais como forma de acompanhar o que os humanos traiçoeiros estivessem a tramar. E fora um dos Sanguinati que estabelecera contactos reais com elementos do governo e com empresários. Mas esses encontros haviam sido formais, oficiais, desprovidos de contactos e sentimentos pessoais além do desprezo sentido por ambos os lados.

Nada na sua formação ou nos anos de experiência o havia preparado para lidar com as interações diárias complicadas com seres humanos sem qualquer interesse em serem formais, oficiais ou desprovidos de contacto pessoal. Nem as interações que já tivera com aquela mulher ao ajudá-la, e aos outros residentes de Prairie Gold, a preparar-se para resistir aos humanos que os queriam isolar o haviam preparado para lidar com ela como estava naquele momento.

— Porquê? — acabou por perguntar.

— Porque não estás a ouvir — retorquiu Jesse Walker.

— Ouvi tudo o que disseste — contrapôs Tolya.

Jesse cerrou a mão direita em torno do pulso esquerdo.

Jesse Walker era Intuit, um tipo de ser humano com uma sensibilidade amplificada para o mundo que os rodeava, com o seu povo a sentir coisas sobre tudo, desde os animais às condições meteorológicas, bem como a perceber se alguém estava a mentir. Não havia um Intuit com sentimentos acerca de tudo — as mentes colapsariam com tamanha pressão —, desenvolvendo cada um uma sensibilidade que acompanhava quem eram, ou o trabalho que faziam. No caso de Jesse Walker tratava-se de uma sensibilidade para com as pessoas, com a dor no pulso esquerdo a revelar que havia qualquer coisa que a deixava incomodada — e quanto mais intensa a dor, mais problemática a situação.



— Eu ouvi — repetiu Tolya. — Mas talvez não tenha compreendido?

Observou-lhe a fúria a desvanecer-se. Jesse ainda segurava o pulso esquerdo, mas agora com menos força. Tolya interrogou-se se o pulso ficaria marcado.

— O que estamos a fazer aqui? — indagou Jesse Walker. — Estamos só a limpar aquilo que virá a ser uma cidade fantasma, com uma mancheia de pessoas a operar a estação, ou estamos a fazer mais alguma coisa?

Era uma questão importante. Ao fitá-la, Tolya percebeu que a resposta que lhe desse implicaria mais do que a decisão quanto ao destino da povoação. Ela causaria uma onda que percorreria Thaísia, tal como a decisão, por parte de Simon Wolfgard, de contratar Meg Corbyn provocara ondas que faziam parte do motivo para que ali estivesse, a tentar perceber a mulher à sua frente.

Se Simon ali estivesse naquele momento, Tolya torceria alegremente o pescoço do Lobo. Claro que, verdade fosse dita, Simon não soubera que ao acolher uma fêmea humana perdida levaria a que os *terra indigene* tentassem ajudar — e até proteger — alcateias de humanos.

— Não é uma cidade fantasma — disse ele, cautelosamente. — Bennett deixou de estar sob controlo humano, mas isso não significa que tenha de se degradar.

— Ou que os seus trabalhadores sejam transitórios?

— Não é suposto serem transitórios. Alguns dos jovens humanos que para aqui vieram não consideraram a povoação o lugar certo. Chegaram em busca de aventura... ou de qualquer outra coisa.

— Vieram à procura de oportunidades — corrigiu Jesse Walker. — Vieram porque as comunidades de origem, na Região Nordeste, estão cheias e é difícil encontrar trabalho, e ainda mais difícil aprender um mister. E muitos saíram de casa à procura de aventuras. Mas eles também deixaram aquilo que conheciam porque, de repente, apareceram inúmeros locais humanos vazios no Midwest e no Noroeste. Tenho a sensação de que durante bastante tempo não vai haver lugares humanos novos. Pelo menos em Thaísia. Os seres humanos cometeram demasiados erros nos últimos meses para que os *terra indigene* nos tolerem aonde ainda não estejamos implantados. Portanto, se os lugares vazios não forem reocupados de imediato, eles vão acabar por desaparecer.

— Não me parece que os Anciões permitam que os humanos regressem a esses lugares vazios — confessou Tolya.

— Sozinhos, não. Mas temos aqui *terra indigene* e Intuits a trabalhar

juntos, de modo a cuidarem dos animais e a tomarem decisões quanto aos alimentos nas casas. E ainda há muito mais que precisa de ser feito. É necessário tomar decisões sobre tudo em todas as residências.

— Não posso fazer isso — protestou Tolya.

— Eu também não. É por isso que precisamos de mais jovens que não se importem de comer os gelados e as bolachas que encontrem nas residências vazias, mas não sei o que fazer quanto aos medicamentos. E mesmo que esses vossos Anciães tivessem justificação para matar toda a gente em Bennett, esses indivíduos podem ter família que gostaria de receber os bens pessoais. É ótimo contar com jovens dotados de grande energia e de boas costas, mas se queremos que esta seja uma vila viável, também precisamos de mão de obra especializada e de bons profissionais. Porque não criar um sítio onde *terra indigene*, Intuits e povo da Vida Simples e outros tipos de seres humanos possam viver e trabalhar juntos? Aprender uns com os outros. Fiquei com a impressão de que o Pátio de Lakeside e os Intuits de Ferryman estavam a tentar fazer exatamente isso, criar uma comunidade nova com espaço para todos.

— É perigoso. — Tolya olhou pela grande montra do armazém de Bennett. — Se recebermos o tipo errado de ser humano...

— Eu sei. Ninguém se pode arriscar a cometer erros.

— Como sugeres, então, que se consiga esses novos cidadãos?

Ouviram o trote de um cavalo a descer a rua. Barbara Ellen Debany, cuidadora de animais de estimação e quase veterinária, acenou-lhes ao passar pela loja.

— Da mesma maneira que a conseguiste a ela — sorriu Jesse Walker, soltando o pulso tempo suficiente para responder ao aceno. — Ter alguém que faça a triagem dos candidatos antes de eles aqui chegarem, e depois tomas a decisão final quanto a quem queres a viver nesta povoação. — Jesse tirou um papel do bolso traseiro dos *jeans* e entregou-lho. — O ideal seria começar por termos essas profissões e conhecimentos em Bennett.

Tolya desdobrou o papel. As sobranceiras foram-se erguendo enquanto analisava a lista. Depois olhou para Jesse Walker.

— Há alguém de Prairie Gold que possa querer ocupar um cargo?

— O Kelley Burch. As competências dele estão a ser desperdiçadas em Prairie Gold, e há aqui uma joalheria que precisa de quem a gira — e o Kelley teria uma maior probabilidade de vender as criações dele, quer as venda em Bennett, quer as envie para leste, para serem vendidas à consignação. Amanhã vou a Prairie Gold. Posso falar com ele.

— Queres passar algum tempo na tua loja.

Jesse assentiu.

— Tenho de ir a casa por uns dias.

— Vou dar a lista a conhecer o mais depressa possível. — Os Anciães não permitiam que as linhas telefónicas e telegráficas entre as regiões fossem restauradas, salvo em circunstâncias especiais. Podia telefonar ou enviar um *e-mail* a Jackson Wolfgard, que vivia em Sweetwater, uma colónia no Noroeste, mas era preciso despende mais tempo e esforço para entrar em contacto com Lakeside, na Região Nordeste.

Olhou para a Intuit que saía do estabelecimento e interrogou-se se Jesse Walker regressaria e continuaria a ajudá-lo. Reparou então que ela já não estava a segurar o pulso esquerdo — e suspirou de alívio.

Junto a uma árvore no extremo sul da praça, Virgil Wolfgard observou a fêmea humana e o cavalo pardo dirigirem-se a ele. O vento não estava de feição para levar o seu cheiro até ao equídeo, que percorria a estrada alcatroada a caminho da erva na praça, e a fêmea parecia demasiado absorta com algo que não estava diretamente à frente dela para controlar o cavalo ou para reparar no predador que a observava.

Era perigoso não reparar, algo que a fêmea devia ter aprendido quando ainda era uma cria.

Afastou-se da árvore, surgindo à frente do cavalo.

O animal fungou e firmou as patas, levando a fêmea a agarrar-se ao gancho da sela.

— Calma, *Rowan*, calma — disse ela. Depois lançou um olhar prudente a Virgil. — Xerife.

— Barbara Ellen. — Virgil olhou para o companheiro dela. — Cavalo.

O irmão de Virgil, Kane, que se encontrava na forma de Lobo, acercou-se deles, levando *Rowan* a bufar mais uma vez.

Barbara Ellen ofereceu um sorriso inseguro a Kane.

— Delegado Wolfgard.

Virgil estendeu-lhe uma pequena coleira vermelha. Barbara Ellen aceitou-a e leu a placa presa à coleira.

— *Fluffy* — exclamou ela, pesarosa. — Era um gatinho bonito.

— Não o comemos — garantiu Virgil, antecipando a pergunta que ela não se atreveu a fazer. — Demasiado pelo e pouca carne.

— Não é um grande epítáfio para o coitadinho do *Fluffy*.

Talvez não, mas isso não era relevante. Ele e Kane não haviam matado o gato, mas *algo* desfizera o animal. E por diversão, não pelo alimento.

E esse *algo* não era uma forma de *terra indigene*.

— O cavalo estava a prestar atenção — indicou Virgil. Era verdade que o cavalo estava mais interessado em chegar à erva, mas fora o primeiro a reparar nele. — Tu não estavas. Porquê?

— Estava a pensar em coisas — respondeu ela.

Virgil não lhe perguntou em que coisas pensava. Limitou-se a fitá-la.

— Mas devia prestar atenção ao andar a cavalo — acrescentou Barbara Ellen.

— Sim. — Virgil chegou-se para o lado. Kane imitou-o.

Barbara Ellen pressionou as pernas contra os flancos de *Rowan* — e agarrou-se ao gancho da sela quando a montada se afastou a galope dos dois Lobos.

Virgil abanou a cabeça enquanto a via a restabelecer o controlo e a abrandar o cavalo para um trote. <Segue-a>, ordenou a Kane, servindo-se da forma de comunicação dos *terra indigene*. <Certifica-te de que ela não cai.>

O ser humano, para ser bom, tinha de estar morto. Nunca se demorara a pensar na espécie até que o movimento dos Seres Humanos em Primeiro Lugar atacara o Clã dos Lobos. A raça descera-lhe ainda mais na consideração depois de esses humanos lhes terem chacinado a alcateia, deixando-o e a Kane como únicos sobreviventes, pois estavam bastante adiantados em relação ao grupo, à procura de caça. Havia regressado ao ouvirem as armas, mas, quando chegaram, a alcateia estava morta ou moribunda, e os humanos haviam desaparecido.

Havia seguido o rasto das carrinhas até que este fora atravessado pelo cheiro das presas e das garras de Namid. Sem quererem ter de lidar com os Anciães, ele e Kane haviam regressado à pequena habitação de madeira que a alcateia usara para armazenar o que poderia ser útil a quem era capaz de assumir forma humana. Depois de reunirem o pouco que seriam capazes de transportar em forma de Lobo, os irmãos haviam-se afastado do que fora o seu território natal, em busca de seres humanos para matar.

Em vez disso haviam ido parar a Bennett, onde os Anciães haviam eliminado o inimigo, mas, apesar disso, permitiam que as *criaturas* regresassem.

Nunca vira um Sanguinati até conhecer Tolya, que fora encarregado de se certificar de que não surgia o tipo errado de seres humanos a querer recuperar a povoação. Claro que, para isso, Tolya precisava de humanos, a par de muitas formas de *terra indigene*. E precisava igualmente de elementos

fortes e temidos o suficiente para garantir que os seres humanos cumpriam as regras sem se tornarem incômodos.

Fora assim que Virgil se tornara o principal defensor da vila, com Kane a ser o segundo defensor. Não sabia nada acerca da lei humana, nem nunca passara muito tempo com humanos até então. Mas se uma daquelas ameaças de duas pernas causasse problemas, ele sabia como tratar dela. E o sangue na rua seria um bom lembrete para os outros de que deviam portar-se bem.

E havia ainda as criaturas de duas pernas como Barbara Ellen, a quem ele se sentia obrigado a proteger, mesmo que com relutância.

Percorreu o limite da praça da vila, que servia de parque cercado pelo bairro comercial original da povoação. Uma nascente natural era o motivo da existência da erva e das árvores — era o que levava a que se construísse ali a povoação. A nascente fora praticamente contida por barreiras artificiais, mas a água continuava a borbulhar do chão, dando de beber a tudo o que tivesse pelo ou penas — e também a seres humanos.

Chegado ao outro lado do armazém, Virgil parou e esperou que Tolya atravessasse a rua para se juntar a ele.

— Houve algum problema com a Barbara Ellen? — perguntou Tolya.

Virgil meneou a cabeça.

— Porque lhe chamamos isso? Os humanos chamam-lhe Barb.

— Barbara Ellen soa mais digno. Espero que ela se habitue ao nome, tal como uma cria se habitua às patas grandes.

— Hum. — Isso fazia sentido, mas... — Ela é jovem, mas é adulta, já não é uma cria. Achas mesmo que ela se vai habituar a um nome digno?

— Assim espero.

O tom seco de Tolya fez Virgil sorrir. Barbara Ellen Debany estava ligada ao Pátio de Lakeside porque o irmão era um agente da polícia que trabalhava diretamente com Simon Wolfgard. Esse facto tornava-a especial entre os seres humanos residentes em Bennett. E ser especial incumbia-o da tarefa de a manter longe de problemas. O que o fez pensar na forma como ela tendia a querer travar amizade com qualquer criatura que lhe surgia pela frente.

— Temos algum elemento do Clã das Cobras por aqui? — perguntou.

— Chegaram Cascavéis na semana passada. Porquê?

— Alguém lhe devia explicar que é melhor afastar-se de coisas que a possam matar. — Virgil pensou por um instante, ao que acrescentou: — Coisas que não sejamos nós.

— Por falar em coisas que não são como nós, a Jesse Walker sente que temos de trazer mais humanos que se tornem residentes permanentes e que tomem conta dos negócios.

— Mais. — Os lábios de Virgil arreganharam-se num rosnido. — Mais deles?

— E mais de nós. *Terra indigene* suficientes para controlar a povoação. — Tolya encarou Virgil. — O que achas disso? O simples facto de estarem perto deles já é difícil o suficiente para ti e para o Kane.

— Não conheço a lei humana — resmungou Virgil. — Sei matar. — Ao fim de um dia na presença de humanos, era normal querer despir aquela forma terrível e aliviar a fúria aos uivos antes que rasgasse gargantas e bar-rigas e deixasse pedaços de corpos espalhados como... como...

— Esta vila tem demasiado espólio humano para que a abandonemos — disse Tolya calmamente. — Se não a mantivermos na nossa posse, os humanos vão chegar aos magotes para se apoderarem de tudo o que conseguirem.

— Achas que, lá porque detemos o controlo, o inimigo não vai encontrar este sítio?

— Encontrar? Sim. Mesmo com as limitações de deslocação que impedem que os seres humanos migrem entre regiões, eles encontram maneira de chegar aqui. Agora, controlá-la? — Tolya abanou a cabeça. — Os Anciães não o vão permitir. Se as Regiões Noroeste, Sudoeste e Midwest forem purgadas de seres humanos, estes ficarão limitados às costas e às povoações que aí estiverem disponíveis.

— E recuperaremos o que inicialmente era nosso — cuspiu Virgil.

— Será que uma humana como a Jesse Walker deve morrer? Ela protegeu as crias da alcateia de Prairie Gold. Está a ensinar as competências humanas a uma Loba jovem.

Gostava de Jesse Walker, até onde seria capaz de gostar de um ser humano.

— Seremos suficientes para fazer frente aos humanos se eles se enraivecerem?

Tolya anuiu.

— Suficientes para trabalhar nas lojas ao lado dos humanos e vigiá-los, e matar aquilo que não possa permanecer entre nós.

— Temos de encontrar quem conheça a lei humana.

— Outro delegado. Vou acrescentar esse pedido à lista de profissionais que vou enviar a Lakeside. Veremos a ajuda que o Simon e o Vlad podem

fornecer quanto a seres humanos, e faremos passar a palavra entre nós para termos quem esteja disposto a viver perto de humanos.

Percorreram juntos o resto da rua, separando-se junto ao edifício que albergava o gabinete do xerife.

Virgil dirigiu-se às traseiras e observou as três celas. Não havia muito espaço para meliantes, mas teria de chegar.

Humanos. Era impossível viver com eles; era impossível comê-los a todos.

## Capítulo 3

*Dia de Thaís, 26 de Verano*

— **F**iz alguma coisa mal? — perguntou Rachel Wolfgard, com um gemido ansioso a sentir-se entre as palavras.

— Não, minha querida, fizeste tudo muito bem — asseverou Jesse. — Só preciso de passar algum tempo em minha casa, só uns dias.

— Os cheiros familiares são bons. — As mãos de Rachel amarfanham a saia do vestido leve e cerraram-se em punhos, o que, de certeza, amarrotaria o tecido. — Não marquei território na tua loja, mesmo ela sendo também a minha loja.

— Ainda bem. O cheiro a urina numa loja que vende alimentos frescos tende a afastar as pessoas.

— Porquê? Ontem, um dos homens deu um peido tão mau que a Shelley Bookman deixou as compras e teve de sair, e quando voltou pediu-me que cheirasse a comida para saber se ainda cheirava a fresco.

Foi preciso esforço para reprimir um sorriso.

— Cheirava assim tão mal?

Rachel assentiu.

— Fiquei com lágrimas nos olhos.

— Que homem? — Jesse percebeu que a jovem Loba não identificara o mal-educado. — Não foi o Tobias, pois não? — Se *tivesse* sido o filho, ela iria dar-lhe uma palavrinha.

— Não — apressou-se Rachel a garantir. — O Tobias não iria fazer uma coisa que cheirasse assim tão mal.

Incapaz de conter o sorriso, Jesse virou-se para os enlatados que enchem as prateleiras de uma das paredes. Parecia que Rachel tinha uma paixoneta por Tobias. Claro que ela era demasiado jovem para ele, tal como ele era muito velho para ela — e, ademais, ela era uma Loba *terra indigene* e ele era um ser humano.

Foi então que o filho entrou na loja.



— Ora olá, Rachel — cumprimentou Tobias. — Esse vestido fica-te bem.

— Obrigada, Tobias. Também tenho as cuecas e a camisola interior, porque é isso que as fêmeas devem usar por baixo da roupa que se deixa ver. — Rachel olhou para Jesse. — E já aprendi a lavá-las. A Ellen Garcia ensinou-me enquanto estiveste fora.

— Mas que bom — replicou Jesse, observando a forma como Tobias corou, embora não desse mais sinais de que a roupa interior não era um tema que normalmente se debatesse com o género oposto.

Ao observar os dois, Jesse decidiu que não era um fraquinho pelo filho. Tratava-se de uma irmã mais nova muito inocente a revelar coisas ao irmão mais velho.

Fazia sentido. À exceção da ama, todos os adultos da alcateia de Prairie Gold haviam sido chacinados por elementos do movimento dos Seres Humanos em Primeiro Lugar. Aquando do alerta de Tolya Sanguinati, ela e as restantes mulheres de Prairie Gold haviam reunido as crianças, tanto as humanas como as dos Outros, e fugido para um local nas Colinas dos Anciães onde elas estariam a salvo dos assassinos humanos.

Agora, a colónia *terra indigene* contava com um líder novo, Morgan Wolfgard, e com um defensor novo, Chase Wolfgard. A par do Pardo Wyatt Beargard, eles eram os principais contactos entre os Intuits e os *terra indigene* — incluindo os Anciães que viviam nas colinas e as protegiam.

Rachel continuava a deslocar-se entre a colónia *terra indigene* e o trabalho no Armazém Walker, sob a supervisão de Jesse e sozinha quando esta se encontrava em Bennett, a ajudar a tratar dos assuntos da povoação. Morgan e Chase não gostavam de ter a jovem fêmea cercada por humanos, mas o facto de permitirem que Rachel ali se encontrasse indicava que estavam a tentar dar-se com os seres humanos que viviam no território deles.

Além disso, Morgan e Chase não a assustavam tanto como Virgil Wolfgard, o novo xerife de Bennett.

Precisavam de trabalhadores em Bennett. Precisavam de quem recolonizasse a vila. Sobretudo, precisavam de alguém em quem Virgil confiasse a ponto de não olhar para todos os seres humanos como sendo inimigos.

— Vieste buscar suprimentos? — perguntou Rachel. — Posso preparar uma caixa de suprimentos, com latas de feijão e café e...

Jesse viu as costas do vestido de Rachel agitarem-se. A jovem Loba perdera ligeiramente o controlo da forma humana, a ponto de deixar sair

a cauda, que abanava, indicando a ansiedade para ajudar. Felizmente, a jovem estava de frente para Tobias, que não reparou no que se passava.

— A Ellen vem buscar suprimentos amanhã. Vim falar com a minha mãe — esclareceu Tobias.

— Está bem.

À falta de um comentário por parte do filho, Jesse olhou para Rachel.

— Olha, querida, e se fosses fazer a reposição dos produtos? Tobias, vem comigo lá atrás.

Um breve gemido, seguido por um suspiro humano. Era compreensível que Rachel se sentisse ansiosa quando era excluída, mas ela tinha de aprender que, por vezes, os outros precisavam de privacidade e que nem tudo era partilhado com a alcateia inteira, fosse qual fosse a definição de «alcateia».

— Pareces cansado, filho. — Jesse pressionou a face de Tobias.

— Estamos todos a fazer horas extraordinárias. — Tobias encostou-se à parede. — Somos muito poucos para a quantidade de terreno que tentamos cobrir e para o gado que queremos acompanhar.

— Pode ser que venha ajuda a caminho.

— Contrato-os se souberem montar a cavalo. Pelos deuses, mesmo que não saibam montar a cavalo, eu contrato-os na mesma.

— Não te contentes com demasiado pouco. Acho que convenci o Tolya Sanguinati de que se não quiser que Bennett se transforme numa cidade fantasma, vamos precisar de mais gente.

— Achas que ele vai concordar?

— Julgo que sim. Mas temos de ter cuidado, de estar alerta. — Apertou o pulso esquerdo com a mão direita. — Precisamos de gente. Temos de manter a vila viva. Mas do comboio não vão sair só coisas boas.

## Capítulo 4

*Dia de Tháisia, 26 de Verano*

**P**arlan Blackstone estava sentado a uma das mesas da carruagem executiva, ocupado com um jogo de solitário e a ignorar os olhares dos homens que jogavam póquer numa outra mesa. Não tinha a certeza de que soubessem quem ele era quando o haviam convidado, mas tivera um mau pressentimento acerca de dois dos homens e recusara, dizendo que não tinha grande cabeça para cartas.

Não haviam acreditado, mas ninguém estava suficientemente embriagado — ainda — para o acusar de ser mentiroso.

Deixaria a carruagem executiva na paragem seguinte e regressaria à sua carruagem privada. Contara fazer alguns jogos durante aquela fase da viagem para compensar o custo crescente das tarifas ferroviárias, mas os homens presentes na carruagem... Envergavam fatos caros, mas não deixavam de ser rufiões.

O Clã Blackstone podia ser composto por jogadores e por vigaristas, mas não eram rufiões. Não que ele se opusesse à contratação de músculos que gostavam do tipo de trabalho que exigia o uso de soqueiras — ou de armas —, mas o nome dos Blackstone nunca se associava a tais atividades.

Parlan não olhou para os outros homens, mas sentiu a mudança nas suas intenções. Não havia mais ninguém na carruagem executiva. A julgar pelos cheiros a perfume nos lavabos no fundo da carruagem, teria havido uma ou mais mulheres com os homens antes da paragem anterior. Uma vez que já não se encontravam na carruagem, as mulheres teriam cumprido o seu propósito e já não eram necessárias.

Interrogou-se brevemente se elas se teriam apeado na estação anterior ou se teriam sido atiradas do comboio. Teve a sensação de que pelo menos um daqueles homens consideraria divertido atirar uma mulher de um comboio em movimento. Se não divertido, pelo menos expedito. E tinha o forte pressentimento de que estavam a pensar fazer-lhe o mesmo depois de o aliviarem da carteira e de alguns dentes.

Não que tivessem a oportunidade de o aliviar de nada.

Um dos homens mexeu-se no banco almofadado. Parlan ignorou-o; não levou a mão ao revólver *derringer*, nem à faca que trazia consigo, pois no momento em que o homem se levantou, a porta da carruagem abriu-se e por ela entraram dois homens vindos da carruagem normal de passageiros.

O primeiro indivíduo não olhou para os quatro homens, mas Parlan sabia que os vira a todos. Os homens podiam ser rufiões, mas aquele elemento novo era um assassino frio que gostava do que fazia.

O indivíduo assentiu a Parlan, após o que se instalou num dos lugares de cabedal atrás do banco de Parlan. Escolheu a coxia, de onde podia ver os restantes homens, que haviam perdido o interesse em Parlan.

O segundo homem parou junto à mesa de Parlan.

— Não é o teu jogo habitual.

Parlan ergueu o olhar e sorriu.

— Olá, Henry. Senta-te. — Quando Henry Hollis se acomodou à frente dele, Parlan juntou as cartas e baralhou-as. — Não me apetecia o jogo habitual. E tu?

Henry tirou a carteira do bolso e pousou uma nota de cem dólares na mesa.

— Um jogo de despedida.

Hollis só apostaria aquilo? Parlan olhou para a nota e interrogou-se se Henry estaria a passar por dificuldades.

— Despedida? Vais a algum lado?

— Vou deixar esta vida.

Olhou, surpreendido, para Henry.

— Desculpa?

— Está na altura de desistir.

Parlan tinha noção de que os quatro homens haviam reparado na nota que Henry pousara na mesa e pressentiu que estariam a interrogar-se quanto mais Henry poderia ter consigo. Depois olharam para Judd McCall, sentado em silêncio atrás de Parlan.

Conquanto aqueles homens fossem os primeiros a sair do comboio, Henry estaria em segurança. Só um louco se meteria com Judd.

— Desistir porquê? — quis saber Parlan. Deu duas mãos de vinte-e-um. Henry pediu uma carta e rebentou. Parlan tirou deliberadamente uma carta que também o deixava acima dos vinte e um pontos.

— Tens viajado muito no último mês? — Henry relanceou as cartas. — Passo.

Parlan tirou uma carta e venceu a mão.

— O Nordeste e o Sudeste não foram tão afetados como outras zonas, mas as cidades maiores foram — continuou Henry. — Ouvi dizer que pelo menos um terço de Toland ficou reduzido a escombros e cadáveres. Algumas das cidades grandes no Sudoeste não estão muito melhores. Quem costumava procurar jogos grandes já não anda com interesse por cartas. Agora querem comprar comida e reparar a casa. Querem recuperar os negócios. Quando a noite cai, escondem-se em casa. — Suspirou. — As proibições de viagens estão a ser cumpridas à risca, pelo menos no caso dos comboios. E quem se aventura a conduzir à noite anda com uma arma carregada no banco do pendura. Acham que se forem apanhados, um tiro nos miolos é mais misericordioso do que aquilo que lhe será feito pelo que se esconde nas trevas.

— Foi isso que ouviste? — Parlan deu mais duas mãos, sem perguntar a Henry se queria ir a jogo ou se passava. Não importava. Só queria entreter as mãos.

— Estava numa cidade do Sudeste, num jogo de apostas elevadas, quando as notícias mostraram os metamorfos que tinham sido mortos pelos seguidores do movimento dos Seres Humanos em Primeiro Lugar. E ainda estava na cidade quando os Outros retaliaram. — A voz de Henry manteve-se calma, num tom casual, mas quando olhou para Parlan havia medo na expressão. — Já não quero andar de terra em terra à procura de jogos, sobretudo porque percebi que quero ficar vivo.

— Então o que vais fazer?

Henry riu-se baixinho.

— A minha irmã e o marido dela moram numa vila no lado ocidental do Lago Honon. Eles são donos de um armazém à moda antiga, o tipo de sítio onde podes comprar mercearias e uma garrafa de vinho, ou um *pack* de cervejas e um livro de colorir ou um brinquedo para os miúdos, e a esposa pode escolher entre vários padrões de tecido para fazer um vestido novo. Eles até têm o tecido, agulhas, linha e tudo o que é preciso para a costura. No ano passado quiseram expandir-se, mas o banco não lhes emprestou dinheiro. Por isso adiantei-lhes o dinheiro e tornei-me sócio silencioso. — Sorriu. — Imaginei que estivesse a deitar dinheiro à rua, mas ela é minha irmã. Bem, eles lá renovaram o edifício e compraram a mercadoria que queriam acrescentar. E agora? Eles e a sua loja antiquada sobreviveram quando os Outros devastaram as povoações humanas. Agora são uma parte importante do tecido da vila onde moram e precisam de ajuda para gerir o negócio.

Parlan não escarneceu, mas teve uma certa dificuldade em manter um tom de interesse mínimo na voz.

— Vais deixar de ser jogador para te tornares merceeiro?

Henry assentiu.

— Já me tinha decidido antes de... antes de isto acontecer. E ainda bem. Quando comprei o bilhete tinha a resposta da minha irmã no bolso, e isso provava que estava a regressar à minha família e a um emprego. Sem a carta não teria conseguido voltar ao Nordeste. A vida antiga desapareceu, Parlan. O tempo em que se podia atravessar o continente só porque sim não volta tão depressa, se é que voltará algum dia.

Foi acometido pela sensação que lhe dizia que um jogo azedara e que estava na altura de se afastar da mesa.

Henry Hollis tinha razão. Toland demoraria anos a recuperar, se é que alguma vez voltaria a ser o que fora. Pelo que ouvira, Hubb NE era um atoleiro de desalojados que enchiam a cidade, em busca de comida e de abrigo. Os desesperados e os jogadores profissionais não se davam bem. Lakeside? Havia qualquer coisa em relação a Lakeside e às outras povoações na zona que sempre o deixara inquieto. Não eram os Outros. Sempre conseguira evitar o contacto com *eles*. Mas pressentira que havia outros tipos de caçadores em Lakeside que não podiam ser desencorajados nem subornados — e talvez conseguissem perceber o motivo por que os Blackstone eram jogadores e vigaristas tão bem-sucedidos.

Restava Shikago. E quando deixasse de ser bem-vindo? O que aconteceria depois?

— Onde descas? — perguntou Parlan.

— Shikago é a estação mais próxima da vila onde a minha irmã mora. Daí apanho um barco. — Henry riu-se baixinho. — Segundo parece, trata-se de uma maneira comum de chegar às povoações à volta dos lagos. Só tens de te habituar à ideia de que alguns dos passageiros são um pouco... peludos.

Parlan arrepiou-se. Nem queria imaginar que poderia ter de vir a lidar com os Outros.

— Bom, desejo-te boa sorte, Henry.

*Temos de sair desta carruagem.* Quando sentia com tal veemência que um jogo ia correr mal, ele não ignorava o pressentimento que a sua herança Intuit lhe concedia.

Parlan recolheu as cartas e guardou o baralho no bolso. Empurrou a nota de cem dólares na direção de Henry.

— Guarda-a. — Sorriu. — Chegamos à próxima estação em poucos minutos. Podes pagar-me o almoço.

Viu Henry a abrir a boca, pronto a recordar Parlan de que a classe executiva fornecia comida que estava incluída no preço do bilhete. Depois, Henry desviou o olhar para os quatro homens na outra mesa. Parlan moveu ao de leve a cabeça.

Rufiões de fatos não deixavam de ser rufiões.

Quando o comboio parou na estação, Parlan levantou-se rapidamente e dirigiu-se à porta, com Henry logo atrás. Não olhou para trás, mas sabia que Judd também se deslocara, e aquilo que fosse dito — ou feito — incentivaria os homens a não os seguir.

— Vem comigo — indicou Parlan, descendo os degraus tão depressa que quase escorregou. Do lado do comboio onde se encontravam não podiam ser vistos pelos quatro homens, nem por mais ninguém na estação, mas, não obstante, seguiu agachado até à sua carruagem privada. Uma vez lá dentro, Parlan levantou um dos cortinados até ver Judd a sair do comboio e a entrar na estação.

Não viu os quatro homens que estavam na carruagem executiva.

Imediatamente antes de o comboio retomar a marcha, Parlan ouviu baterem ao de leve à porta da carruagem e Judd entrou, com um saco de papel na mão.

— Era o melhor que tinham — disse Judd, tirando sanduíches e garrafas de cerveja do saco. Pegou numa sanduíche e numa garrafa e dirigiu-se à cadeira mais afastada da mesa a que Parlan e Henry se sentaram.

— Sempre admirei a forma como sabes quando evitar um jogo — proferiu Henry.

Parlan levantou-se e trancou a porta, após o que regressou à mesa e desenrolou a sanduíche.

— Tenho jeito para ler os sinais dos outros, só isso.

— A tua filha tinha jeito para ler aquelas cartas da fortuna.

Não era a única capacidade da cabra, mas ler as cartas era uma habilidade que se encontrava em todas as feiras das colheitas, pelo que, assim sendo, não era nada de extraordinário, nada que chamasse atenções desnecessárias para a família.

— Uma menina tão doce — continuou Henry. — Ela ainda viaja contigo?

— Não, já não viaja connosco há algum tempo — respondeu Parlan calmamente.

— Que pena. Podia pedir-lhe que me lesse as cartas e visse o futuro.

Parlan fitou Henry com uma expressão gelada.

— Ela perdeu a capacidade de ver o futuro.

— Sinto muito — disse Henry. — Não me apercebi de...

Parlan rejeitou o pedido de desculpas.

— Todas as famílias têm os seus problemas. Haveremos de o ultrapassar. — Perguntou a Henry pela vila onde a irmã e o cunhado vivem e escusou-se a mais conversa sobre a sua família, sobretudo acerca da ingrata da filha.



## Capítulo 5

*Dia do Fogo, 27 de Verano*

Já incomodada com o facto de o posto dos correios de Prairie Gold continuar fechado, Abigail Burch regressou à sua pequena loja e sentiu uma dissonância tão severa que a fez começar a tremer.

De onde viera *aquilo*? Tinha de o descobrir antes que isso corroesse as proteções que a haviam mantido em segurança nos últimos três anos.

Acercou-se dos frascos com velas com cheiro a bisonte na mesa de exposição. Aquilo que parecera uma boa ideia, usar gordura de bisonte *gratuita* em vez de comprar sebo a Floyd Tanner, revelara-se um desastre absoluto. Nem os Lobos queriam usar as malfadadas das velas e eles *gostavam* do cheiro a bisonte! E agora, que nada podia ser desperdiçado, ela tentava impingi-las aos habitantes de Prairie Gold que tinham pena dela. Pelo menos já não restavam muitas velas para vender.

Sentiu um arrepio. Quando saíra havia uma dúzia de frascos na mesa. Agora via mais seis.

Abigail afastou-se da mesa. Aquilo não devia estar a acontecer. *Não podia* estar a acontecer. Nada do que fizera ao percorrer os passos para transformar gordura de bisonte em velas justificava aquela dissonância. A não ser...

Ela não contara o número de frascos. *Julgara* que fizera mais de uma dúzia, mas quando voltou de uma pausa para almoço e não encontrou mais decidiu que se enganara. Estavam agora mais seis velas na mesa de exposição e...

*Raios te partam, Kelley. O que é que fizeste?*

Era possível que Kelley tivesse encontrado outras velas guardadas na oficina que partilhavam e as tivesse deixado na mesa antes do encontro com Jesse Walker. Era possível que ele não tivesse reparado em nada de errado.

Kelley era bastante ignorante acerca de muitas coisas, aceitando tudo e todos sem questionar nada. Se assim não fosse, como poderia ela ter conseguido levá-lo tão bem nos últimos três anos?

Precisara de um lorpa que a ajudasse a afastar-se do pai e dos planos que este fizera para ela, e descobrira a criatura perfeita. Quando Kelley a encontrara embriagada num beco, lhe pagara um quarto numa estalagem e depois ficara com ela nessa noite, ouvindo-lhe a triste história sobre o pai abusivo de quem fugira aos dezassete anos de idade, e de como passara os últimos dois anos em fuga, Abigail percebeu que o apanhara. Ele queria ajudar uma donzela em apuros, estava pronto a apaixonar-se por uma rapariga doce e simples, que só queria ter uma vida feliz com ele.

Abigail era muitas coisas. Simples e doce não fazia parte da lista, mas tratava-se de uma personagem que ela encarnara de modo a representar o seu papel nas vigarices que fizera com o tio. Tinham uma banca em feiras ou em mercados ao ar livre, onde ele trocava gemas genuínas por vidro ao fazer pequenas reparações numa joia, enquanto ela distraía a vítima com a sua conversa doce sobre pedras da sorte e como ela conseguia escolher a pedra correta para cada pessoa. E ela era mesmo capaz de escolher a pedra correta para cada indivíduo. Era essa a sua habilidade específica. Mas ela também era capaz de escolher uma pedra que criasse uma dissonância que desse azar suficiente à pessoa quando esta cedesse ao impulso de fazer um jogo de cartas com o pai, cuja personagem era a de jogador de fronteira.

Descobrir que Kelley era ourives e trabalhava a partir de pedras preciosas foi um percalço inesperado e desagradável para os seus planos, já que ela precisava de evitar pedras que pudessem diluir a energia das gemas que trazia consigo para repelir o azar e criar prosperidade, mas quando ele disse que a amava e que se queria casar, ela aceitara — com algumas condições.

Mudaram-se três vezes nos três anos desde que se haviam casado, vindo por fim a assentar em Prairie Gold, no verão passado. Receara viver numa povoação Intuit, mas todos acreditaram na personagem que encarnava porque Kelley acreditara nela. Por vezes, sentia-se de tal modo enfasiada com Kelley e com aquela vida que lhe apetecia gritar, mas o pai nunca iria a uma pequena vila Intuit no meio do nada, o que significava que estava a salvo dele — e a salvo do outro. Usava então vestidos antiquados, lia cartas de tarô e fazia velas e sabonetes que os vizinhos compravam por mera bondade — e evitava aproximar-se das pedras que Kelley guardava na sua parte da oficina partilhada.

Mas agora havia a questão daquelas velas, daquela *dissonância*.

A porta da pequena loja abriu-se.

Abigail obrigou-se a sorrir a Rachel Wolfgard.

— Bom-dia, Rachel.

— Bom-dia. — Rachel entrou na loja, com cada passo cauteloso a aproximá-la da mesa com as velas defeituosas. — A Jesse está numa reunião no armazém. Ela disse-me para fazer um intervalo e para visitar uma loja que eu ainda não tivesse visto. Ainda não tinha vindo à tua loja. Vendes velas e sabonete. Os *terra indigene* usam essas coisas quando estão em forma humana. — Levou a mão a uma das velas nos frascos.

— Não! — gritou Abigail, certa de que tudo ficaria arruinado se as velas saíssem da loja.

Sobressaltada, Rachel deu um salto atrás.

— Eu não ia roubar. Eu tenho dinheiro, salário, para comprar coisas humanas.

Assim que Rachel se afastou da mesa, Abigail sentiu-se capaz de voltar a respirar. Levantou a mão, num gesto conciliatório.

— Eu sei que não a ias levar assim. Mas essas velas estão defeituosas. Não deviam ter sido postas à venda. Eu mostro-te outras.

Rachel recuou na direção da porta.

— Não. Eu não preciso de uma vela.

Shelley Bookman, a bibliotecária da vila, entrou. Rachel virou-se e fugiu para a rua. Gritos e o chiar de travões.

— Ai, deuses! — exclamou Shelley, à porta. — O Phil Mailer quase a atropelou. A Jesse devia falar com ela sobre como atravessar a rua.

*Se ela tivesse levado uma das velas, o Phil não teria parado a tempo.*

Shelley fechou a porta e dirigiu-se à mesa de exposição.

Abigail teve dificuldade em respirar. Uma dissonância na vida de outrem não produziria aquele efeito. Tal só acontecia quando uma dissonância ameaçava trazer trevas à *sua* vida.

— Ainda tens daquelas velas de bisonte? — Shelley proferiu as palavras com o mesmo entusiasmo forçado de alguém obrigado a comer restos quase intragáveis pela terceira noite consecutiva.

— Não! — gritou Abigail quando Shelley pegou num dos frascos. Tirou-lho e atirou-o ao chão com força suficiente para partir o vidro grosso. — Não podes levar essa. Não é a certa para ti! Não é a certa! — Agarrou noutro frasco e partiu-o no chão. — Elas não são as corretas!

O terceiro frasco não se partiu, pelo que foi à oficina, procurou na caixa de ferramentas e regressou à mesa de exposição de martelo em riste. Sentia o ar a queimar-lhe os pulmões ao pegar nos frascos e pousá-los no chão. Usou então o martelo para partir os frascos. Martelada atrás de martelada.

Tinha de acabar com a dissonância, tinha de se proteger. Tinha de...

O martelo esmagou a vela, revelando qualquer coisa no seu interior além do pavio. Abigail usou a bainha do vestido para o retirar. Uma pedra polida, pouco maior do que a unha do polegar. Quartzo.

Abigail ignorou o vidro e desfez as restantes velas partidas, encontrando mais pedras polidas. Ágata. Âmbar-negro. Cornalina. Hematite. Turquesa. Podiam ser pedras boas para alguém, mas, para ela, eram más.

— Valham-me os deuses em cima e em baixo, Abby. — Kelley surgira na passagem que ligava as duas partes da loja e fitava-a. — O que estás a fazer?

Abigail torceu-se para o encarar, e sentiu um fragmento de vidro a cortar-lhe o joelho. Mas não sentiu a dor. Pelo menos a causada pelo vidro. Sentiu raiva por aquele idiota que lhe abrira um buraco nas suas defesas.

— Como pudeste fazer isto? *Como pudeste?*

— Pensei... Era só um extra. Uma surpresa para quando alguém acendesse a vela. Não precisavas de mexer nas pedras. Abominas de tal maneira o meu trabalho que me surpreende que tenhas dado pela falta de umas pedras polidas na taça da minha loja.

*Eu sabia que estavam nas velas. Senti-as.*

Kelley hesitou, após o que se dirigiu a ela. Pegou no martelo e ajudou-a a levantar-se.

— Estás a sangrar. — Parecia triste, e havia algo mais na voz dele que não reconheceu. Algo de que não gostou.

— Eu ajudo a Abigail a tratar dos cortes — ofereceu-se Jesse ao entrar na loja. — Limpa os vidros.

Kelley assentiu.

Abigail lembrou-se da pessoa que supostamente seria e não se manifestou quando Jesse lhe pegou no braço e a levou até à casa de banho nos fundos da loja. Não a surpreendeu que Jesse ali aparecesse, mas não deixou de fazer a pergunta.

— Porque estás aqui?

— A Rachel entrou a correr no armazém, tão assustada que nem estava coerente, seguida pela Shelley, que disse que tinhas tido uma espécie de ataque — respondeu Jesse num tom brusco.

Quando teria Shelley saído? Quando ela fora à oficina buscar o martelo? Ou será que Shelley fugira quando ela começara a partir as velas? Não reparara, não se lembrava.

— Senta-te. — Jesse apontou para o tampo da sanita fechada. Jesse abriu a mochila que já era tão normal ter às costas que ninguém reparava nela e tirou o estojo de primeiros socorros e uma garrafa de uísque. Serviu

dois dedos para o copo de água que Abigail tinha numa prateleira sobre o lavatório e ofereceu-lho. — Engole isto de um trago.

— Não posso beber — murmurou Abigail. — Prometi ao Kelley que não bebia. — Claro que Kelley acreditara que ela fora uma alcoólica nos dois anos antes de ele a ter encontrado e que fizera coisas bastante más para pagar a bebida, pelo que a promessa fora bastante importante para ele.

— Vamos pensar nisto como um medicamento. Se ele tiver algum problema com isso, que venha falar comigo.

Abigail engoliu o uísque. Era engraçado, mas não sabia tão bem como os goles que bebia às escondidas quando Kelley se ausentava por uma tarde e não dava por isso.

Jesse manteve-se em silêncio enquanto lavava os golpes e aplicava pomada antisséptica e compressas. Guardou tudo na mochila e só depois se encostou à ombreira da porta.

— Assustaste a Rachel de tal maneira que ela correu para a rua e quase foi atropelada. Isso não foi bonito.

*Loba parva, devia ter sido atropelada. Não, não penses isso. A doce e simples Abigail nunca pensaria isso.*

— Sinto muito — murmurou.

— Eu sinto as pessoas. É assim que as minhas capacidades Intuit se manifestam. Mas nunca te consegui sentir bem. Sempre pensámos que fosses uma rapariga doce, e um tanto ou quanto simplória, com esses vestidos compridos que as mulheres usavam no tempo da minha avó e a fazeres os teus sabonetes e velas. Mas tu, de simples, não tens nada, pois não, Abigail? Foi assim que decidiste esconder-te. É um disfarce, tal como as roupas.

*Cabra.* Sempre soubera que um erro perto de Jesse seria o seu fim, mas fora tentando prosseguir com o esquema até encontrar uma escapatória.

— Não sou esperta. Nunca fui. É o que sempre me disseram.

— Quando tu e o Kelley apareceram no ano passado, à procura de sítio onde morar e trabalhar, nós arranjámos maneira. Desde sempre que os Intuits procuram acolher os seus, pois normalmente não conseguimos vingar em povoações geridas por seres humanos que veem os nossos dons como sendo ameaças. Nunca percebi o motivo por que ele quis morar num sítio assim tão pequeno. Ele é um ourives com imenso talento para criar joias lindas. Não ia ter grandes encomendas da nossa parte. Não há por aqui ninguém que tenha dinheiro para comprar as criações dele. Mas não era ele que queria morar num sítio tão isolado como Prairie Gold, pois não? Eras tu que querias, ou precisavas de ficar num sítio onde ninguém te

pensasse procurar. — Jesse exibiu um sorriso severo. — Nunca te consegui sentir, Abigail. Até agora.

Soava a ameaça.

Jesse afastou-se da ombreira.

— Tu e o Kelley têm de falar. Depois somos nós que vamos falar.

— Sobre o quê? — perguntou Abigail, fingindo não saber.

Jesse deixou a questão a pairar no ar e saiu da casa de banho.

Abigail deixou-se ficar na sanita mais um minuto — ou talvez uma hora. Não fazia ideia. O corpo recordou a sensação da pancada de um cinto nas costas quando fazia asneira e selecionava uma pedra que trazia sorte à vítima. E recordou o medo que a preencheria antes de decidir fugir. Não podia voltar a isso. Nunca.

Mas, naquele dia, Kelley tivera um vislumbre de quem ela realmente era — e Jesse também.

Quando Jesse chegou ao passeio à frente da sua loja, Phil Mailer, que não só era o editor do *Prairie Gold Reporter*, mas também geria a combinação de posto de correios, central de telégrafos e centro empresarial, chamou-a e atravessou a estrada.

— A Rachel está bem? — Phil parecia exangue. — Os deuses me valham, Jesse. Ela atravessou-se à minha frente. Quase não parava a tempo.

— Mas paraste — lembrou Jesse. — Não lhe aconteceu nada. — *Pelo menos fisicamente.*

— Pensava que ela soubesse que não se deve correr assim para o meio da rua.

— Eu falo com ela. — Ia passar o dia a falar com muita gente.

— Não quero que o Morgan ou o Chase pensem que não quis saber de um dos deles. Sobretudo... bom, tu sabes.

Sim, Jesse sabia. Rachel ainda não tinha idade para procurar um parceiro, mas era a *única* fêmea sobrevivente da alcateia de Lobos que dali a um ano ou dois teria idade suficiente para acasalar e ter crias. Os dois Lobos dominantes nunca perdoariam os seres humanos na povoação se um deles ferisse — ou, os deuses os livrassem e guardassem, matasse — a jovem Loba.

— Eu explico-lhes o que se passou.

Entrou no armazém. Rachel virou as costas à prateleira onde repunha cereais, os olhos ambarinos ainda repletos de medo.

— A Abigail tem raiva? — perguntou Rachel. — Nós sabemos o que é raiva. É uma doença perigosa.

— Ela não tem raiva. — Jesse manteve um tom casual. — O corpo dela não está doente. Mas houve qualquer coisa que a perturbou e ela agiu mal.

— Ela não quis que eu mexesse nas velas que ela fez.

— Também não quis que a Shelley lhes mexesse. — Jesse sabia que estavam sozinhas, mas, não obstante, olhou intencionalmente à volta. — Onde está a Shelley?

— Ela disse que ia a casa vestir cuecas limpas, mas não cheirei xixi, nem cocó.

Era tão difícil manter uma expressão séria quando a jovem dizia coisas daquelas.

— Foi uma desculpa para ir a casa até que as coisas acalmassem. A Abigail também a assustou.

— Quando estamos assustados é melhor ficarmos junto da alcateia.

Jesse pousou a mochila no chão e abraçou Rachel.

— Tens razão. — Recuou e pegou na mochila. — Será que podes cuidar das coisas? Tenho de fazer uns telefonemas e de tratar de papelada.

— Tens de telefonar ao Tolya Sanguinati — informou-a Rachel. — Ele disse-me que não era preciso ir-te chamar, mas tinhas de lhe telefonar assim que te despachasses da Abigail.

Jesse dirigiu-se ao escritório, que não passava de um canto da sala das traseiras, um espaço que fora dividido com partições e que tinha uma cortina comprida que normalmente estava atada a um lado, mas que fazia as vezes de porta sempre que ela precisava de um pouco de privacidade. Acendeu o candeeiro e ficou a olhar para o telefone.

Parte dela queria poder enviar um *e-mail* diretamente a Steve Ferryman, presidente de uma aldeia Intuit situada na Ilha Grande. Mas não havia acesso direto a ninguém que se encontrasse na Região Nordeste. Talvez fosse melhor assim. Jesse não era responsável por Bennett, não era a líder. Se Tolya queria repovoar a vila, essa decisão era dele, não dela.

Tolya ocupara o gabinete do presidente como seu local de trabalho, pelo que Jesse marcou esse número.

— Tolya Sanguinati.

Quantas pessoas se arripiariam ao ouvir dizer «Sanguinati»?

— É a Jesse. A Rachel disse que querias falar comigo.

— Sim. — Fez-se um breve silêncio. — Temos tido a felicidade de os jovens humanos que vieram para Bennett ajudar a selecionar os pertences dos antigos residentes serem cautelosos junto dos *terra indigene*.

Adicionar demasiado humanos com demasiada celeridade poderia provocar... tensão.

— Poderia levar a que o novo xerife ou o delegado começassem a morder primeiro e a perguntar depois?

— Também, mas o que mais me preocupa é que os Anciães possam considerar uma vila cheia de seres humanos como sendo... uma invasão.

Jesse apoiou a cabeça na mão. Semanas antes, os Anciães haviam matado todos os homens, mulheres e crianças em Bennett. Voltariam a fazê-lo, caso os seres humanos não fossem cautelosos.

— Ainda precisamos de mais gente para selecionar os pertences; precisamos de quem tente encontrar os herdeiros de quem deixou testamento. É preciso quem trabalhe nos ranchos.

— Não discordo, Jesse Walker, mas eu e o Virgil Wolfgard debatemos a possibilidade de ter mais seres humanos em Bennett, e concordámos que os Anciães não vão reagir bem caso haja mais humanos do que *terra indigene* na povoação.

— Mais Lobos a trabalhar nas lojas?

— Não. — A voz de Tolya denotava mágoa, recordando a Jesse que ele conhecera Joe Wolfgard, o anterior líder da colónia de *terra indigene* junto a Prairie Gold. — Não, não restam Lobos suficientes dispostos a trabalhar com os humanos. O Virgil e o Kane estão aqui porque perderam o resto da alcateia. Não havia motivo para permanecerem no antigo território deles. Outras formas de *terra indigene* viriam preencher os espaços vazios, aprender trabalhos humanos.

— Formas tão mortíferas como os Lobos e os Sanguinati?

— Sim. — Tolya aguardou, após o que perguntou: — Ainda queres que tente que venham mais humanos para Bennett?

Queria? A população de Bennett sempre estivera restrita pelos limites do território arrendado a seres humanos, bem como pela quantidade de água que os *terra indigene* estivessem dispostos a incluir como parte do acordo.

— Deixa-me voltar a analisar a minha lista. Acredito verdadeiramente que temos de povoar Bennett, mas fazê-lo por fases parece-me o mais indicado.

— Muito bem. Aguardo informações da tua parte. — Tolya desligou.

Jesse pousou o auscultador no descanso e recostou-se. Acreditava piamente que estava a tomar a decisão correta para Prairie Gold, mas não sabia se quem fosse para Bennett viria a sobreviver a essa decisão.



Quando Abigail saiu da casa de banho, o vidro fora varrido e no soalho já não havia resíduos das velas que ela desfizera. Kelley estava na passagem entre as duas lojas. Ao chegarem a Prairie Gold haviam aceitado o que estava disponível como espaço de trabalho e como residência. Não tinham como pagar dois estabelecimentos, pelo que haviam dividido o espaço de exposição de uma única loja levantando uma parede e uma passagem. A sala dos fundos, uma oficina comum, não havia sido separada. Não fora preciso. Ela mantivera-se longe da metade de Kelley.

— Desculpa ter-te perturbado — disse Kelley, mantendo-se na passagem. — Não era essa a minha intenção.

— Eu sei. Kelley...

Ele levantou a mão, interrompendo-a.

— Quando te pedi em casamento apresentaste condições, sendo uma delas que vivêssemos numa povoação pequena, o quanto mais pequena, melhor. Foi por isso que viemos aqui parar. Não deve haver mais pequeno do que Prairie Gold. Este sítio é bom para ti. Fazes os teus sabonetes e as tuas velas, e nem paras para pensar que mal conseguimos sobreviver.

— As coisas estão a correr bem. — Abigail ignorou os saltos que o coração lhe começou a dar no peito.

— Porque eu reparo joias que as pessoas já têm e faço peças baratas que são compradas como ofertas. Sobrevivemos, sobretudo, porque faço biscoitos para quem precisa e consigo dinheiro suficiente para pagar as contas e para comprar comida.

Abigail pestanejou como se estivesse a reprimir lágrimas.

— Precisamos de mais?

— Eu preciso. — Kelley desviou o olhar. — Pois é, Abby, eu preciso. Sou um ourives, e adoro trabalhar com pedras e metais preciosos. Não tenho problemas em ajudar os meus vizinhos quando é preciso, mas custa-me não poder fazer o trabalho de que gosto. Sobretudo agora.

*Porquê agora?* Ela sabia porquê. O momento em que ela deixara de representar a Abigail doce e lhe respondera mal, quebrando a ilusão, fora o momento em que as capacidades Intuit dele haviam entrado em ação, com Kelley a perceber que fora enganado.

— Eles precisam de alguém em Bennett que fique com a joalheria — explicou Kelley. — Precisam de alguém que avalie as joias das casas, que faça um inventário. Em troca desse trabalho fico com a loja, que tem uma

oficina nos fundos onde posso voltar a criar peças próprias. Disse à Jesse que aceitava o trabalho.

— O quê? Como é que ela te pôde fazer essa oferta? Como pudeste aceitar sem falar comigo? — *Representa o teu papel. Se não deixares que a personagem desapareça, talvez ainda o consigas convencer de que foi apenas um acesso de raiva e não uma revelação.* — Quando é que lhe respondeste?

— Telefonei-lhe enquanto estiveste na casa de banho.

Raios a partissem! Se não se tivesse deixado ficar, poderia tê-lo impedido de telefonar, ou, pelo menos, retardado a decisão até determinar o que fazer. O que não podia era ficar ali sozinha. Agora que Jesse percebera que ela não era o que fingia ser, Abigail não podia fazer-se passar pela triste e doce Abigail, estupefacta pelo facto de Kelley a ter deixado.

Por um instante chegou a ponderar se seria capaz de convencer Tobias Walker a deixá-la viver no rancho, mas isso daria a Jesse ainda mais motivos para que analisasse tudo o que ela dissesse e fizesse a partir daquele momento. Não, ela tinha de se afastar o mais possível de Jesse Walker, e, agora, isso implicava deixar Prairie Gold.

— Posso ir contigo? — perguntou, em voz baixa.

Kelley hesitou. Isso não era bom.

— Estamos a falar de Bennett, e vai ter todo o tipo de gente — acabou por dizer. — É o tipo de sítio que antes querias evitar.

— Mas, agora, as coisas são diferentes. Vai ser um início novo para ambos. — Avançou para ele. — Uma aventura.

Nova hesitação.

— Acho que devias fazer o que é melhor para ti agora, e eu faço o mesmo.

Kelley recuou para o seu lado do edifício e fechou a porta.

Abigail voltou a correr para a casa de banho. Agarrada ao lavatório, deixou que as lágrimas furiosas lhe escorressem pelo rosto. Maldito fosse Kelley por ter posto aquelas pedras nas velas! Se não o tivesse feito, aquele momento revelador não teria existido.

Agora não havia alternativa. Teria de ir para Bennett com ele. Talvez quando se afastassem de Prairie Gold ela fosse capaz de inverter os efeitos da dissonância, pelo menos até decidir o que fazer.